

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA**

“Festa da Carnaúba: valorização da cultura indígena”

Milena de Lima de Andrade

Redenção

2015

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA

“Festa da Carnaúba: valorização da cultura indígena”.

Milena de Lima de Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Susana Alem Abrantes

Redenção
2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

A565f Andrade, Milena de Lima de.

Festa da Carnaúba: Valorização da Cultura Indígena. / Milena de Lima de Andrade. Redenção, 2015.

43 f.: il.; 30 cm.

Monografiado curso do Bacharelado em Humanidadesdo Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Carla Susana Alem Abrantes.
Inclui Ilustrações, Fotos e Referências.

1. Festas Folclóricas – Brasil. 2. Cultura Indígenas. I. TítuloII. Andrade, Milena de Lima de.

CDD 398.981

MILENA DE LIMA DE ANDRADE

“Festa da Carnaúba: Valorização da Cultura Indígena”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Carla Susana Alem Abrantes - Orientadora

Prof^a. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva

Prof^a. Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda

Este trabalho de conclusão de curso é dedicado aos meus pais Marcos Cunha de Andrade e Francisca Pereira de Lima, que acreditaram em mim, e que ao longo da minha trajetória escolar e universitária, me deram todo o apoio e incentivo para que eu nunca desistisse. A eles devo tudo o que sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e sabedoria para chegar até aqui.

Aos meus pais, Marcos e Francisca e ao meu irmão Mateus, pelo apoio e amor incondicional.

A minha orientadora, professora. Dra. Carla Susana, por ter me aceitado como orientanda, a qual tenho muita admiração e gratidão pela sua paciência ao me repassar seus ensinamentos, e principalmente por acreditar em mim. Não posso também esquecer de deixar meu agradecimento, ao professor do meu primeiro dia de aula da universidade, o prof. Dr. Manoel de Souza e Silva. Um professor exigente, mas de rico conhecimento e de grande coração, com quem pude aprender bastante com seus ensinamentos. Para quem possuo muita admiração e respeito. Uma parte deste trabalho dedico a ele, que apesar de ter se ausentado desta universidade, ficou marcado em minha trajetória acadêmica e conseqüentemente na minha vida.

Em especial, agradeço a minha amiga Fátima Silveira e a meu amigo Gerson Alves, que se disponibilizaram a me ajudar, quando as dúvidas surgiram ao longo do trabalho.

Ao meu namorado, Diógenes, pela compreensão, carinho e apoio.

As amigas que fiz na trajetória do curso, que me apoiaram e torceram por mim. Meu muito obrigado a vocês: Sandra, Kauanne, Marciana, Nildiane e Gabrielly.

E por fim, aos meus professores, os quais foram de fundamental importância na minha formação.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso “Festa da Carnaúba: Valorização da Cultura Indígena” surge inicialmente a partir do contato tido a com a Festa da Carnaúba, que despertou meu interesse pela grandiosidade e visibilidade do evento, e em seguida com o contato teórico acerca da questão indígena através de disciplinas cursadas ao longo do curso. A elaboração deste trabalho tem como objetivo analisar os possíveis significados dessa festa, quais os atores envolvidos, assim como contextualizá-la em um cenário mais amplo de necessidade de afirmação da identidade e luta por direitos, principalmente o direito à terra, em meio a conflitos de interesses de grupos a ela ligados. A metodologia adotada perpassa a revisão bibliográfica e o método etnográfico.

Palavras-chaves: Tapeba, Cultura, Identidade, Indígena.

ABSTRACT

This work "Feast of Caraubá: Appreciation Indigenous Culture" comes from the contact that I had with the Feast of Caraubá, which sparked my interest regarding the visibility of the event, and after that with the theoretical discussions about the subject in the disciplinary courses at Unilab. The objective of this work is to analyze the possible meanings of the feast, which actors were involved and contextualize it in a bigger picture considering the need for affirmation of identity and the struggle for rights of a group, especially the right to land property that involves conflict of interest groups. Literature review and the ethnographic method are the methodology taken in this work.

Key words: Tapeba, Culture, Identity, Indigenous.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1.Sobre a ideia de Cultura, Identidade e Poder..... | 10 |
| 1.1 Cultura..... | 10 |
| 1.2 Cultura e Identidade..... | 15 |
| 1.3 Cultura e Poder..... | 18 |
| 2 Tapeba: A Festa da Carnaúba como valorização da cultura indígena..... | 23 |
| 2.1 A Festa da Carnaúba..... | 25 |
| 2.2 Expressões Culturais..... | 26 |
| 2.3 Poder: a demarcação das terras indígenas..... | 31 |
| CONCLUSÃO..... | 34 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 36 |
| ANEXOS..... | 37 |

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desse trabalho se deu inicialmente pelo contato que tive com a Festa da Carnaúba, a qual tive a oportunidade de conhecer depois de ouvir relatos a seu respeito. Depois, esse contato somou-se a minha entrada na universidade no sentido da questão indígena ter sido tratada ao longo de algumas disciplinas ministradas pelo professor Dr. Manoel de Souza e Silva, despertando assim, ainda mais o meu interesse. Por conta disso, fiz o convite para que ele fosse meu orientador e fui orientada até determinado tempo, até que por motivo de força maior, ele pediu sua aposentadoria.

Com a saída do professor Manoel, passei a ser orientada pelo professor Dr. João Batista, que me deu contribuições importantes para esse trabalho. Principalmente na metodologia. Porém, por ter sido aprovado em um concurso para outra universidade, ele foi embora. Todos esses contratemplos dificultaram o andamento do meu trabalho, que somente foi concluído com a orientação da professora Dra. Carla Susana, que aceitou este desafio e me ajudou a superar as dificuldades. Logo, considero que todo esse processo, que inicialmente tinha visto de forma negativa, contribuiu para o meu crescimento considerando-se que as orientações, quando somadas, resultaram em um trabalho interdisciplinar.

A questão indígena é um tema cada vez mais recorrente no cenário nacional marcado pela mobilização de diversos povos indígenas na luta pela efetivação dos direitos já garantidos em lei. Dentre esses direitos, a demarcação e titulação da terra são os mais fundamentais e, ao mesmo tempo os mais polêmicos.

Com isso, intensificam-se os debates acerca da identidade e dos conflitos de interesses antagônicos. De um lado, temos os povos indígenas reivindicando a posse da terra, e de outro, os interesses de grupos econômicos envolvidos. Assim, sendo, a afirmação da identidade se torna a principal ferramenta nessa luta pelos direitos, como está previsto na constituição.

Os povos Tapeba se inserem nesse contexto e vivenciam essa mesma problemática. No caso, a luta pela titulação da terra tem esbarrado nos conflitos com os posseiros, o que tem dificultado essa efetivação. Como forma de afirmação da identidade, e preservação cultural, os Tapeba realizam anualmente a Festa da Carnaúba, que é um momento de realização de práticas culturais e exibição de sua cultura como um todo.

O objetivo deste trabalho é analisar alguns significados dessa festa, quais são os atores envolvidos assim como os interesses presentes nessa manifestação cultural. Desse modo, o trabalho divide-se em dois capítulos, sendo o primeiro destinado a conceituação e análise da cultura e identidade. E o segundo é dedicado à caracterização da comunidade indígena Tapeba de Caucaia e da Festa da Carnaúba.

Para isso, a metodologia adotada perpassou a revisão bibliográfica e o método etnográfico, com conversas realizadas com as lideranças e moradores da comunidade indígena Tapeba durante dois eventos, a Festa de 2013 e a Festa de 2014.

1. Sobre a ideia de Cultura, Identidade e Poder

1.1 Cultura

Segundo o autor Terry Eagleton (2011), a palavra cultura é derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo. A natureza, portanto, está intimamente ligada com a ideia de cultura. O autor ressalta que a cultura não está dissociada da sociedade nem completamente de acordo com ela. Reforça sua ideia citando Friedrich Schiller (1795), que vê a cultura como mecanismo para se chegar a “hegemonia”, moldando os sujeitos às necessidades de um tipo de sociedade politicamente organizada. A cultura deve agir dessa forma, como espécie de crítica ou desconstrução imanente e derrubar sua resistência de ações de espírito, para que a cultura seja vista como crítica ideal e uma força social real.

Eagleton (2011) também expõe a ideia de cultura de Raymond Williams (1976), que a distingue com embasamento etimológico no trabalho rural, cujo significado é “civilidade” no século XVIII, que passa a ser sinônimo de “civilização”, no sentido de evolução intelectual, espiritual e material, juntamente com costumes e moral. Civilização estava associada à França, pois se supunha que os franceses tivessem o privilégio exclusivo de ser civilizados, com sua vida política, econômica e técnica. Em embate com a França, a “cultura” germânica tinha um referencial religioso, artístico e intelectual. No entanto, o refinamento intelectual se aplicava a um determinado grupo ou indivíduo, em vez da sociedade em sua totalidade. A “civilização” diminuía as diferenças nacionais, ao caminho que a “cultura” as destacava. Esse conflito entre “cultura” e “civilização” teve relação com a rivalidade entre França e Alemanha.

A cultura como civilização tanto pode ser uma forma neutra de vida, como a indicação de uma forma de vida subliminarmente imposta, através do esclarecimento e refinamento para os indivíduos assim se tornarem “civilizados”. Esse termo “civilização” acaba separando-se do termo “cultura”, pois seus aspectos descritivos pertencem ao léxico de uma classe média europeia pré-industrial. A cultura exige condições sociais para o desenvolvimento total e harmonioso da personalidade do indivíduo, e estando isolado, fixo em uma única classe isso não é possível. Enquanto “civilização” remete ao caráter sociável, ao espírito cordial e de boas maneiras, cultura é algo solene, espiritual, crítico e de princípios, em vez de estar em harmonia com o

mundo e as leis que o regem. Se civilização tem uma ligação com a forma de vida dos franceses, cultura se associa aos germânicos.

O autor entra em diálogo com Matthew Arnold (1988), que esclarece a ideia do conflito entre civilização e cultura, ou seja, tradição versus modernidade e assim expõe que:

O oposto de cultura, [...] era uma anarquia engendrada pela própria civilização. Uma sociedade patentemente materialista acabaria produzindo seus rudes e ressentidos destruidores. No entanto, ao refinar esses rebeldes, a cultura encontrar-se-ia indo em socorro da própria civilização pela qual sentia tal desprezo. Embora os fios políticos entre os dois conceitos estivessem assim notoriamente emaranhados, a civilização era no seu todo burguesa, enquanto a cultura era ao mesmo tempo aristocrática e populista. (EAGLETON, 2011, p.23)

Matthew Arnold diz que a civilização é oposta de cultura, porque a sociedade materialista acabaria ocasionando sua destruição. Mesmo que ambos os conceitos tivessem ligação, a civilização representava as pessoas de classe elevada e a cultura, à classe popular. Depois de tentativas sem sucesso de se encontrar uma definição de cultura, os antropólogos após vários debates chegaram à conclusão de que cultura teria simplesmente o seu valor em si, mas faria mais sentido elevar uma cultura acima de outra.

O autor então vem com a ideia de pluralismo que vai de encontro com a autoidentidade. Ele explica essa questão com a afirmação de Edward Said (1993) que diz: “Todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolítica”. Ou seja, através dessa variedade de culturas, elas se envolvem entre si e assim individualizam sua identidade cultural. A cultura ainda pode ser segundo o autor, uma crítica ao capitalismo, mas também sem se opor a ele. Contudo está associada à justiça para grupos minoritários, como hoje em dia tem sido, e assim é um desenvolvimento definitivamente novo.

Roque de Barros Laraia (1986) diz no seu livro *Cultura: Um conceito antropológico*, que no final do século XVIII e no começo do século XIX, o termo germânico *Kultur* era usado pra representar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se especialmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1871), que abrangeu na palavra “Cultura”, todas as possibilidades de realização

humana. Este amplo complexo abrange conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outro hábito adquirido pelo ser humano como membro de uma sociedade. O conceito de cultura, portanto foi definido pela primeira vez por Tylor. A cultura não está estática, mas vive em mudanças. Assim sendo, o homem procura se adaptar da melhor forma possível a essas mudanças adaptando também a sua cultura.

Laraia menciona o antropólogo americano Marvin Harris (1969) que lembra que “Nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento.” No entanto, mesmo vivendo em constantes mudanças, a cultura tem a capacidade de se manter viva. O autor reforça essa idéia citando Jacques Turgot (1727-1781), que afirma que o homem é capaz de reter firme suas ideias e transmitir à sua descendência, a fim de preservar sua cultura.

Possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de multiplicar infinitamente, o homem é capaz de assegurar a retenção de suas idéias eruditas, comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes, como uma herança sempre crescente. (Turgot *apud* LARAIA,1986 p. 26)

Foram muitos os conceitos de cultura apresentados pelos antropólogos desde a definição de Tylor. Uma das tarefas da antropologia moderna tem sido a reconstrução desse conceito. Laraia ainda cita Kessing que faz referência às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo. Difundida por neoevolucionistas como Leslie White, e reformulada por Sahlins, Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros, que apesar de divergências, concordam que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 1986 p.59)

O autor destaca que a ideia de mudança está ligada a ideia de adaptação biológica. Desse modo, o homem como animal tem que se adaptar ao meio em que vive.

Nas palavras do autor, a “mudança cultural é primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural.” (p.60)

Laraia destaca as palavras de Meggers que diz:

O homem é um animal e, como todos os animais, deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver. Embora ele consiga esta adaptação através da cultura, o processo é dirigido pelas mesmas regras de seleção natural que governam a adaptação biológica (B. Meggers, 1977 *apud* LARAIA, 1986, p. 60)

Laraia complementa:

A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligada à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam. [...] (LARAIA, 1986, p. 60)

Portanto, a sociedade domina a cultura de tal modo, que faz com ela se modifique e se adapte às suas mudanças. Por fim, o autor finaliza com a ideia de que delimitar o conceito de cultura é conhecer a própria natureza humana, revelando, pois, uma tarefa da reflexão humana. Mostra que a participação de um indivíduo em sua cultura é limitada e diversa. Tanto as limitações como as participações do indivíduo em sua própria cultura podem ser determinadas por diferentes fatores. Porém, esses fatores também podem diversificar e limitar papéis de maneira diferente em outras culturas, isto é, papéis desempenhados por determinados indivíduos de uma cultura podem ser desempenhados por outros indivíduos em outra cultura. Ainda acrescenta que nenhum indivíduo é capaz de compreender o seu sistema cultural, mas que é necessário conhecer e englobar para si o essencial do mesmo para que se identifique e possa viver em harmonia consigo e com os demais.

Fredrik Barth (2005) em seu artigo *Etnicidade e o Conceito de Cultura* defende que cultura e etnicidade apesar de serem conceitos complementares não devem ser confundidos. O autor afirma que cultura não é algo estático, mas sim contínuo; o que gera transformações e variações culturais nos grupos sociais. A etnicidade já está ligada a separações criadas pela imposição do poder em separar e controlar tudo e todos que se

distinguem do modelo cultural definido por ele. Barth reforça ainda que “a etnicidade representa a organização social de diferenças culturais” (2005, p. 16) Assim, os grupos étnicos não são formados por uma cultura comum, mas pela formação de grupos com diferenças culturais.

Fredrik Barth explica que o “padrão” de cultura deixa de ser delimitado, pois as idéias que definem cultura transpõem limites, desse modo começam a surgir múltiplas culturas. Para Barth “a cultura é caracterizada por uma continuidade complexa e padronizada.” (2005, p. 17), a complexidade apontada por Barth está justamente na transposição de limites, ainda que haja um conceito de padronização apontado por ele. O que definimos por manifestação cultural hoje pode sofrer alterações amanhã, mas não deixará de ser uma manifestação cultural, nem mesmo podemos dizer que é uma manifestação cultural diferente, pois ela carrega os mesmos traços culturais de hoje, apenas sob uma nova configuração.

Em segundo lugar Barth fala que a cultura deve ser pensada como algo que é repassado entre as pessoas por meio das experiências entre si, tendo como resultado, reflexões, compartilhamentos e a necessidade de se engajar em um determinado grupo. Desse modo os modelos culturais se formam pela movimentação constante de encontros e desencontros, frente às diversidades e igualdades que existem dentro do grupo, um exemplo usado por Barth no seu artigo, é do modo como se expressa a cultura e as diferenças culturais de uma família que vive no Paquistão e se muda para Noruega, que face às diferenças culturais do país onde estão vivendo, acabam unindo-se e relativizando as diferenças que poderiam existir entre eles se estivessem em seu país de origem.

Em terceiro lugar Barth diz que a cultura não está estagnada, mas sim em fluxo constante; pois os materiais culturais estão sempre se renovando a partir das experiências vividas pelas pessoas. Desse modo, não se deve pensar que as tradições culturais do passado permanecem fixas no tempo; mas em algo que está em constante fluxo.

Barth cita David Maybury-Lewis (s/d), que em um seminário falou sobre grupos indígenas. Conforme David, os indígenas podem exercer atividades fora do seu grupo indígena, e mesmo assim fazer parte dele. Ser um indígena não significa possuir uma cultura separada. E sim afirmar em determinadas ocasiões, “essa é minha identidade étnica. Este é o grupo ao qual desejo pertencer” (2005, p.18) Os indígenas

cultivam particularidades como afirmação da sua identidade. Dando assim uma continuidade cultural da sua tradição.

Barth vê três processos pelo qual a cultura está submetida, são eles: processos de controle, silenciamento e apagamento de experiências. A cultura acumulada e vivenciada pelos indivíduos está em constante reformulação, devido a sua expansão e a limitação que ela se remete por esses três processos. Os processos de experiência, aprendizagem e interação, desse modo, são barrados pelos processos sociais específicos de controle, silenciamento e apagamento, que propiciam descontinuidades culturais.

O exemplo dos indígenas se aplica bem a esses três processos quando eles foram inicialmente dominados pelos colonizadores, ou seja, controlados, quando em muitos casos, não puderam exercer sua cultura, ou seja, silenciando-as, e em último caso sendo obrigados a apagá-la para que a cultura dominante do colonizador predominasse e fosse assimilada pelos indígenas.

1.2 Cultura e Identidade

Segundo Stuart Hall (2011) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, a questão da identidade vem sendo discutida na contemporaneidade porque as velhas identidades que existiram por muito tempo não serviam mais, fazendo assim surgir novas identidades. A crise na identidade modifica e desloca as estruturas das sociedades modernas, e as referências que os indivíduos tinham de uma cultura estável na sociedade. Para o autor, as velhas identidades eram vistas como únicas e adequadas, desse modo os indivíduos tinham identidades iguais. Mas com o surgimento das novas identidades, essa ideia se rompe e faz com que o homem se identifique com outras identidades, constituindo a chamada crise de identidade.

Para fortalecer essa ideia, o autor traz a referência de Kobena Mercer (1990) que diz que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p. 43 apud HALL, 2011, p. 9). Para reforçar o caráter mutável da sociedade e suas transformações sociais, no qual tudo é posto em dúvida, e tudo se

transforma em incerteza, inclusive a noção de identidade, o autor traz a seguinte reflexão de Karl Marx, vejamos:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo o que é sólido se desmancha no ar (Marx e Engels, 1973, p. 70, *apud* HALL, p.14).

Hall apresenta outro fator que também contribui para a crise na identidade, que são as transformações causadas pela globalização que tem como resultado a interação entre várias culturas, que podem provocar alterações de algumas características particulares dessas culturas. Ele menciona a afirmação de Giddens (1990) que diz:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quando em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano de extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo em termo de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (Giddens, 1990, p. 21 *apud* HALL, p. 16-17).

Giddens (1990) afirma que quando diferentes áreas do globo interagem umas com as outras, ocorre uma transformação social. A modernidade colocou modos de vida em ação que nos livrou de todas as tradicionais ordens sociais. Essas transformações tardias envolvidas na modernidade serviram para fazer interconexão social com outras extensões, e com isso elas alteraram algumas das características pessoais dos indivíduos. Reforçando essa ideia, o autor cita David Harvey (1989, p. 12), que diz que a modernidade rompe com toda e qualquer condição anteriormente vivida e é marcado por rupturas internas, em suas palavras “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas como “caracterizado por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”.

A idéia de que as identidades eram plenamente únicas e agora se multiplicaram, é uma forma simplificada de se contar a história do sujeito moderno; que adota esse conceito por conveniência. Muitos movimentos importantes contribuíram para essa nova concepção de identidade, como por exemplo, a Reforma e o Protestantismo, que puseram em questionamento alguns dogmas da Igreja Católica, as revoluções científicas, que despertaram no homem a capacidade de investigar e decifrar os mistérios da natureza, entre outros. As identidades modernas estão sendo quebradas pelo seu deslocamento. Esse deslocamento ocorreu através da ruptura do conhecimento moderno.

A identidade é algo formado ao longo do tempo. Não nascemos com nossa identidade definida, pois vivemos em constantes mudanças e essas mudanças acabam nos afetando, assim, somos obrigados a nos adaptarmos a elas por questão de sobrevivência. A identidade é, portanto, uma característica individual de cada ser humano, o que o diferencia do outro.

O surgimento da identidade se dá pela falta de inteireza, que é completada a partir do externo, do que nos cerca. Assim na busca por nossa identidade, procuramos a satisfação plena de nós mesmos.

As nações são como comunidades imaginadas, eternizadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança. Na desconstrução da ideia de cultura nacional como identidade unificadora, as culturas nacionais na verdade, "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural" (Hall, 2011, p.62). Neste sentido, as nações modernas são verdadeiros "híbridos culturais", que representam a diferença como unidade ou identidade. O autor traz o argumento de Anthony McGrew (1992) para o significado de globalização, por ela está intimamente ligado com o processo de identidade.

A "globalização" se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização desse modo é um complexo de forças de mudança que desloca, e ao mesmo tempo integra as identidades culturais nacionais. Através da globalização as identidades se desintegram, porém

resistem, e se modificam trazendo novas identidades-híbridas. (McGrew, 1992 *apud* HALL, 2011, p. 67)

1.3 Cultura e Poder

Terry Eagleton (2011) defende que o Estado adere à cultura como forma de conseguir seus objetivos políticos através dela. Aqueles que apregoam a obrigação de uma elaboração ética para preparar a sociedade para a cidadania política, também negam a povos colonizados o direito de autogovernar-se até que estejam “civilizados” de acordo com suas leis. Deste modo, são os interesses políticos que governam os culturais e assim definem uma versão particular de humanidade. Essa versão assim faz com que o indivíduo acabe negando sua cultura, para aderir à cultura que o civilize.

O autor Leonardo Brant (2009) fala em seu livro “O poder da cultura”, que a cultura está ligada ao poder, pois o poder controla a cultura. O poder pode abrir portas, oportunidades para a cultura, como também reprimir essas oportunidades, tendo assim o poder o total controle, vejamos:

A idéia de cultura, sempre moldada conforme as visões políticas de cada tempo, detém em si as chaves dos sistemas de poder. Chaves que podem abrir portas para a liberdade, para a equidade e para o diálogo. Mas também podem fechá-las, cedendo ao controle, à discriminação e à intolerância. (BRANT, 2009, p. 13)

E ainda:

Cultura, nesse caso, funciona como uma chave capaz de trancar o indivíduo em torno de códigos e simbologias controladas: pelo Estado, por uma religião ou mesmo por corporações e através dos instrumentos gerados pela sociedade de consumo, como a publicidade, a promoção e o patrocínio cultural. (BRANT, 2009 p. 17)

A sociedade está sendo manipulada pelas regras das instituições que fazem o poder. O autor reforça o conceito de cultura, trazendo a definição de Alfredo Bosi em *Dialética da Colonização* (1992), que diz que a prática cultural tem o papel de preservação da cultura, com a finalidade de que a mesma cultura seja repassada às

futuras gerações. Assim ele define cultura como o “conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.” (p. 17). Desse modo, a cultura desempenha a função de identificar o indivíduo em seu espaço, transformar a realidade e contribuir para o desenvolvimento humano, lhe concedendo a capacidade de socialização e espírito crítico. Assim Leonardo Brant conclui que a cultura adquire cada vez mais influências econômicas e com isso, transforma-se em instrumento de lazer e entretenimento. Manipuladas por sociedades que dominam por um modo de pensar focado na atividade econômica, elas tiram dos indivíduos a sua liberdade de manifestação cultural.

O autor entra em diálogo com o antropólogo italiano Massimo Canevacci (2005) que diz que sem o acesso às tecnologias digitais a cultura continuaria com seu valor preservado; pois hoje em dia, as informações estão prontas, as pessoas não têm mais vontade de ir à busca da arte, do conhecimento, preferem um conhecimento pronto, modificando assim, os antigos hábitos:

Se uma cultura como construção simbólica, pode ser tecida automaticamente, sem o olhar contaminado pela tradução e mediação de instituições, meios de comunicação e governos, poderá sê-la de forma mais rica e legítima, pois utilizará, para isso, referenciais, mitos e memória efetiva próprios. O acesso às tecnologias digitais suprime definitivamente essas mediações [...] (Canevacci, 2005 *apud* BRANT, 2009 p.36).

Diversas intervenções através de mecanismos “oficiais e oficiosos” são elaboradas pelo governo em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos para identificar a relação entre Estado e Cultura, com o objetivo de impor suas dinâmicas culturais para a sociedade. O autor traz as ideias de Marilena Chauí (2006) sobre o processo evolutivo das políticas públicas e as relações do Estado com a cultura do Brasil, que as divide em quatro modalidades: a liberal, como sendo as belas artes privilégio da elite; a do Estado autoritário, como produtor oficial da cultura da sociedade; a populista, como cultura popular, sendo caracterizada como produção cultural de um povo e a neoliberal, sendo responsável pelo evento cultural de massa, que tende a privatizar as instituições públicas de cultura, e deixando-as sob responsabilidade de empresas privadas.

Na medida em que a economia começou a predominar, fez com que nos afastássemos das manifestações humanas, posteriormente da cultura também. As manifestações culturais hoje são vistas como coisa barata, manipuladas por um sistema de poder que só visam seus interesses. Em consequência do consumo, a arte passa a ser vista como mercadoria, correndo o risco de perder o seu real sentido cultural que é sensibilizar a alma humana, passando a ser reproduzido de um sistema que só visa seus interesses econômicos.

A cultura nos dias de hoje é vista como mercadoria, propagada e vendida pelos meios de comunicação de massa e mercado de entretenimento. Suprindo os interesses do consumismo, para de tal modo fortalecer e construir uma identidade global. Segundo Yúdice (1999) a “cultura já não é nacional, mas particular, desse ou daquele grupo local, dessa ou daquela etnia, de mulheres etc.” (p.80). Ele afirma ainda que as identidades culturais nacionais perderam seu lugar particular, dando espaço a diversas etnias, marcada pela identidade global. Desse modo, conclui-se que a cultura tem um grande poder, mas ao mesmo tempo esse poder se restringe pelo fato de existir um poder maior, o socioeconômico.

O autor Estevão de Rezende Martins (2007) em seu livro *Cultura e Poder*, diz que a cultura entende-se como fator de transformação, portanto é necessária sua articulação com o exercício do poder. Trazendo a contraposição entre o poder formal das instituições ao poder informal da cultura. Os antropólogos sempre definiram cultura como um “modo de vida” de um povo. As etiquetas representadas pelas diferentes culturas trazem problemas, pois vivemos em um mundo em constante mudança.

O autor dialoga com Gordon Mathews (2000), que indica que na visão atual, há na sociedade da informação a cultura global, que é vista como um produto, comercializada em vasto mercado, onde há um sistema de circulação de ideias que inspiram adesões ou rejeições. A cultura abrange vários elementos que fazem com que cada indivíduo tenha sua própria identidade. As informações particulares dos indivíduos se dão pelos processos históricos que são vivenciados pela vida coletiva. Afirma também que a cultura não depende do Estado, mas é manipulada e moldada por ele e /ou pelo mercado, e que ambos têm influências na infraestrutura cultural que influenciam as convicções e ações dos indivíduos. Suas formas de exercício de poder são a gestão do sistema educacional e do sistema de produção e circulação de ideias, o autor aponta a educação como fator principal do processo de constituição da identidade.

Martins diz que através da consciência dos indivíduos a memória se reflete na história. A história por sua vez, exprime a cultura dimensionada no tempo “o caráter histórico reside na função constitutiva da memória para a identidade dos indivíduos e de suas respectivas comunidades”. (p.33) Na cultura histórica, o tempo é um fator determinante na vida humana, e a articulação entre passado, presente e futuro é necessária para a definição das identidades.

Os diferentes lugares que vivem os indivíduos têm sua característica particular. Desse modo, os referenciais de cada lugar, causam muitas vezes choques de cultura e conflitos com outros lugares, pois cada lugar tem sua história, sua cultura “a memória histórica desempenha um papel decisivo na construção da sociedade” (Idem, p. 35).

A política cultural é legitimada através da memória histórica da coletividade dominante. O autor cita novamente Gordon Mathews, que defende que a cultura é moldada e manipulada pelo Estado e/ou pelo mercado, a qual estes, manipulam a sociedade sutilmente. O autor contesta essa ideia, dizendo que seu argumento não é suficiente para defender sua tese.

O autor afirma então que cultura é um patrimônio comum dos agentes e das comunidades sustentado pela especificidade e pela particularidade, tendo como requisito a originalidade e autoafirmação. O Estado e o mercado têm interesses que coincidem e o mesmo tempo se afastam. Coincidem quando reconhecem e trabalham na questão cultural. Mas se afastam, na medida em que o Estado procura definir, identificar e valorizar a cultura no seu cunho nacional, e já o mercado tem interesses nada patriótico, que é de tornar a cultura como mercadoria, na qual ela possa ser consumida pela sociedade, de acordo com os seus interesses.

2. Tapeba: a Festa da Carnaúba como valorização da cultura indígena.

O objetivo deste capítulo é apresentar a “Festa da Carnaúba” que é uma manifestação cultural dos índios Tapeba, para isso inicialmente será apresentado quem são os Tapeba e como se originou a Festa da Carnaúba.

Os Tapeba são um grupo indígena que habitam na região de Caucaia¹, sendo o significado do termo “Tapeba” referente a um aspecto da natureza circundante da área por eles habitada, segundo Barreto Filho:

A referência aparentemente mais ‘objetiva’ e mais ‘antiga’ do termo Tapeba é fisiográfica. É o nome de uma lagoa e um riacho periódico na área rural do distrito da sede do município de Caucaia. Já em 1721, registrava-se o topônimo Tapeba para a referida lagoa, em data e sesmaria concedidas pelo Capitão-Mór Salvador Alves da Silva a Bento Coelho de Moraes. [...] O termo Tapeba, como de resto a toponímia, local, é de origem Tupi, constituindo-se numa variação fonética de Itapeva (de **itá**, pedra; **peva**, plano, chato): ‘pedra plana’, ‘pedra achatada’. O próprio nome Caucaia é de origem Tupi, significando ‘mato que se queima’, ‘mato queimado’ (de **Káa**, erva, mato, bosque, floresta; **okai**, queimar). (BARRETO FILHO, 1992, p. 184, Grifos do autor)

O mesmo exercício se repete no nome dos bairros próximos: como Tabapuá, Iparana, Icaraí, Capuan, Paumirim, Pabussú, Jandaiguaba, etc. Segundo o autor, a explicação dada pelos próprios indígenas da etnia Tapeba para sua denominação, se deu pelo fato de seus antepassados viverem perto da Lagoa que se chamava Tapeba. Desse modo as pessoas começaram a chamar de Tapeba àqueles que moravam perto da lagoa.

Barreto Filho (1992, p. 66) expõe ainda a visão dos pesquisadores sobre a origem dos Tapeba. Ele cita a Arquidiocese de Fortaleza, que desde 1984, como parte do esforço do “resgate da história” dos Tapeba e da posse da área ocupada por estes, produziu documentos que foram divulgados na imprensa. Esses documentos foram frutos de trabalho de pesquisa realizado pelo então coordenador da Equipe Arquidiocesana, o sociólogo José Cordeiro, que dá a hipótese de que “os índios Tapeba” são “o resultado do encontro, da convivência, num mesmo aldeamento (o de N. Sra. dos Prazeres de Caucaia), de três Povos distintos: Potyguara, Tremembé, Kariri” (Cordeiro, 1989: 13).

¹ Município que integra a região metropolitana de Fortaleza.

Segundo Almeida, é possível que a etnia “Jucá” tenham se aliado também ao grupo de composição da etnia Tapeba. Refinando a proposição: não haveria dúvidas quanto à origem propriamente indígena dos Tapebas, considerando a “diversa composição étnica” com que contou a população indígena inicial de Caucaia, entre Potiguara, Cariri, Tremembé e Jucá (Almeida 1986, p. 8 apud Barreto Filho, 1994).

A aldeia Tapeba está localizada em uma região de disputa territorial que tem se estendido e se intensificado no decorrer dos anos a partir dos primeiros contatos até os dias atuais. Em 1863 o presidente da província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, expediu um decreto que extinguiu a existência dos índios no Ceará. Anos depois, em 1987, foi feito um levantamento fundiário para a avaliação da criação das áreas indígenas. Esse acontecimento gerou revolta nos proprietários de imóveis rurais. Barreto Filho (1994, p. 22), diz que nessa mesma época, a ex-primeira Dama do município de Caucaia e Deputada Estadual Maria Lúcia Correa (PMDB), também Presidente da Comissão de Educação da Assembléia Legislativa, com Bacharel em História, contrariou a existência dos índios Tapeba no município de Caucaia, dando a seguinte declaração ao jornal O Povo (1987):

Nunca existiu índios Tapebas. O que existe é um grupo de descendentes de um caboclo conhecido pela alcunha de "Perna-de-Pau" que habitou na área de Caucaia no início do século e que teria vivido maritalmente com duas irmãs, o que gerou um grupo racial fechado que foi habitar nas proximidades da Lagoa do Babaçu, na estrada da localidade de Garrote, a oeste da sede da antiga Soure, hoje Caucaia (O Povo, 17.08.87, "Política", p. 04. "Maria Lúcia vê fantasia na origem dos índios Tapeba. Contesta demarcação das terras e teme provocação de conflitos"). (BARRETO FILHO, 1994, p.22)

Se oficialmente não existiam indígenas, também não poderia haver terras indígenas, nesse período os índios tiveram suas terras invadidas e tomadas, mas eles se mantiveram resistentes ao longo da história. Um dos bens de disputa desse território é a carnaúba que possui um valor econômico visado pelos posseiros² da região. Para os Tapeba a carnaúba tem um duplo valor que é o econômico e o místico, no campo econômico a carnaúba é uma fonte de renda, delas eles extraem as palhas para fazer bolsas, cocar³, tanga, etc; e em outros tempos também servia como material para construção de suas casas. Dentro do campo místico a carnaúba é revestida de uma simbologia, segundo a lenda a carnaúba teria surgido a partir do suor do corpo dos

²Aquele que tem a posse legal de imóvel indiviso. O que está de posse de uma terra devoluta.

³ Cocar" origina-se do francês *cocar de*, "distintivo que se usa na cabeça"

indígenas, por isso ela é uma árvore sagrada. A carnaúba também ganha espaço no campo do poder, uma vez que ela é objeto de disputa entre posseiros e indígenas.

O misticismo que envolve a carnaúba cria um ritual para corte, um agradecimento que se manifesta na festa. Esse misticismo que envolve a árvore é também um dos motivos da luta, visto que os posseiros cortam a carnaúba sem manifestar nenhum agradecimento e a derrubam arbitrariamente desrespeitando o seu valor subjetivo.

Devido ao decreto que extinguiu a existência de indígenas no Ceará, o direito às terras, por eles ocupadas, também passava a deixar de existir, por isso os Tapeba foram expulsos de suas terras, vindo a retomar depois de muita luta.

2.1 A Festa da Carnaúba

Em 1995 os índios organizaram pela primeira vez a Festa da Carnaúba, que viria a se oficializar alguns anos mais tarde, passando a ocorrer anualmente. A festa surgiu com o intuito de celebrar a carnaúba como algo sagrado e também como uma ferramenta que ajudaria na retomada⁴ de suas terras, além de ser uma manifestação cultural importante para a manutenção das tradições. Para Aires (2003):

A Festa da Carnaúba e a Feira Cultural foram eventos criados pelos professores em que apresentavam uma versão da ‘cultura’ tapeba para o público não-indígena e, nestas ocasiões, chamavam a atenção das autoridades e dos meios de comunicação de massa, em especial as TVs e jornais locais, para os problemas das escolas, utilizando para isso a retórica culturalista. (AIRES 2003, p.101)

Essa festa engloba todas as 17 comunidades e as 12 escolas indígenas da região, além das autoridades indígenas: o coordenador regional dos povos indígenas, as lideranças, a pajé⁵, o cacique⁶; e autoridades não indígenas, como o prefeito da cidade e os visitantes.

Os Tapeba se reúnem anualmente para celebrar a Festa da Carnaúba no “Terreiro Sagrado do Pau Branco”. O local recebe esse nome, devido à grande

⁴Entende-se como retomada as ações organizadas pela comunidade indígena, com o objetivo de ocupar espaços que consideram ser tradicionalmente seus e aos quais não lhes é permitido o acesso e/ou o usufruto. Na retomada, uma parcela da comunidade ocupa uma determinada área, constrói benfeitorias e garante o controle do espaço.

⁵Conselheiro, curandeiro, feiticeiro e intermediário espiritual de uma comunidade indígena.

⁶ Chefe político e administrativo da aldeia.

concentração de pau branco⁷ no local. A celebração da festa ocorre tradicionalmente no mês de outubro, são três dias de festa, iniciando-se no dia 18 e terminando no dia 20.

Nas festas da Carnaúba dos anos de 2013 e 2014, o espaço estava organizado com barracas distribuídas no local. Essas barracas eram feitas de barro e cobertas com palha, cada uma era representada por uma escola indígena das comunidades, e nessas barracas haviam artesanatos que estavam à venda para os visitantes, como colares, pulseiras, brincos, cocares, vestimentas de palhas, bolsas. Comidas típicas também estavam à venda, os indígenas trabalharam com pinturas, os visitantes pagavam para fazer pinturas tribais.

2.2 Expressões Culturais

Agora que conhecemos a história da festa, suas condições de surgimento, as tensões que envolvem o local, onde ela ocorre e o espaço simbólico que a festa ocupa, serão descritas as atividades da festa com o intuito de mostrar as manifestações culturais que aparecem nesse momento.

A busca pela preservação dos costumes é um dos principais desafios a serem enfrentados pelos indígenas nesses tempos modernos. Este capítulo procura mostrar a Festa da Carnaúba como um momento de expressão cultural dos Tapeba em busca de valorização e preservação de sua história. Nessa festa, costumes são mantidos e conhecimentos repassados aos mais jovens, etc. A cultura indígena se expressa na “Festa da Carnaúba” através da exposição de artesanatos, comidas típicas, trajes típicos, farmácia viva, apresentações culturais das escolas indígenas.

Um evento como esse pode ser a porta de entrada para que seja possível conhecer um pouco mais do modo de vida e das questões enfrentadas por um grupo étnico no Ceará.

No ano de 2013 a Festa da Carnaúba se iniciou com a execução do hino nacional brasileiro e o hino do Ceará, e prosseguiu com a fala de autoridades indígenas e não indígenas: o Prefeito da cidade de Caucaia. A abertura da festa do ano de 2014 também começou com a execução do Hino Nacional Brasileiro. No entanto, de um modo diferente do ano de 2013, não foi cantado o hino do Ceará e não teve a presença do

⁷Árvore encontrada em toda a região nordeste, característica da caatinga, recebe esse nome devido a cor branca de suas flores.

prefeito da cidade. Desse modo, as autoridades indígenas foram convidadas a falar, dentre eles, o cacique Alberto, Dourado Tapeba (Coordenador Executivo da Articulação dos Povos Indígenas no Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo e também da Comissão Intersetorial de Saúde Indígena do Conselho Nacional de Saúde), que ressaltou com indignação a não-afirmação de alguns professores que pareciam se envergonhar de sua identidade, pois não usam para dar aula os seus colares e o cocar. E disse ainda que os indígenas precisavam continuar na luta pela terra.

Dentre as atividades culturais realizadas na festa, estavam as apresentações culturais das escolas indígenas, como danças, peças de teatros, etc. As escolas diferenciadas também são um meio também pela qual sua cultura é resgatada, transmitida e preservada.

A apresentação da escola Vila dos Cacos, contou a história da comunidade Vila dos Cacos. A atividade começou quando a liderança da Lagoa I (outra comunidade Tapeba de Caucaia) falou com os membros da comunidade Vila dos Cacos, que os ajudaram a se tornar uma comunidade independente. Posteriormente veio a preocupação com a educação, e assim foi criada a Escola Vila dos Cacos que começou em 2003 debaixo de uma árvore, depois a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) ajudou doando alguns materiais.

Através de retomadas de terras, a comunidade garantiu um espaço para salas de aula. Em 2009, a comunidade foi prestigiada com um prédio e em 2010 a escola foi inaugurada. Na festa de 2014, as apresentações dessa escola foram finalizadas com uma dança ao som da música do “Boi Caprichoso”, tributo a Galdino Pataxó⁸ e o pai nosso católico.

Na apresentação de outra escola, a Escola Indígena Tapeba Capoeira, os alunos fizeram a encenação de uma peça de teatro, que teve como tema o Caipora que era guardião da mata, pois assustava os caçadores que queriam matar os animais. Representada por um pequeno índio de pele escura, ágil, que fumava cachimbo e carregava uma vara. Na peça ele aprontava ciladas para pegar os caçadores. Os expectadores riram muito das armações do Caipora na peça.

⁸ Galdino Jesus dos Santos (Bahia, 1952 – Brasília, 20 de abril de 1997) foi um líder indígena brasileiro da etnia pataxó-hã-hã-hãe que foi queimado vivo enquanto dormia em um abrigo de um ponto de ônibus em Brasília, após participar de manifestações do Dia do Índio, em um crime que chocou o Brasil. O crime foi praticado por cinco jovens daquela cidade.

Já na apresentação da Escola Indígena Marcelino Alves, meninas lideradas pela professora Karine Ribeiro fizeram uma belíssima dança ao som da música do “Boi Garantido, Amazônia Santuário Esmeralda.” A letra enfatizava a preservação da natureza, e a importância da conscientização do homem sobre a necessidade de preservá-la e de entender-se como parte integrante da natureza. Os alunos da Escola Indígena Tapeba da Ponte juntamente com professores e pessoas da comunidade indígena, também apresentaram uma dança. Encantei-me com o empenho com que essa escola se apresentou. No canto deles havia amor e dedicação; principalmente das crianças, que cantavam forte, com garra.

Os jogos também faziam parte das atividades realizadas na festa, no ano de 2013, os jogos indígenas disputados pelos Tapeba foram: queda de braço, arco e flecha, cabo de força, corrida de jumento, corrida com a tora, arremesso de lança, Duathlon (baladeira e corrida), e atletismo.

Em 2014, os jogos disputados na festa foram somente a corrida com a tora feminina e o cabo de força. Na corrida com a tora feminina, um grupo de mulheres se dividiu em duplas e quando começou a disputa, uma mulher ficava na ponta entregando um pedaço do tronco da carnaúba a outra mulher que corria uma certa distância, carregando no ombro o pedaço do tronco da carnaúba e entregava a outra mulher que recebia, e assim voltava outra vez, para pegar outro tronco. Vencia a equipe que pegasse mais troncos em menos tempo. Já no cabo de força, a disputa foi entre crianças e adolescentes; no qual ficavam cinco participantes em cada ponta da corda, e vencia o lado que conseguisse puxar a corda.

Em uma entrevista feita na festa com o professor da Escola Conrado Teixeira, Estenio Teixeira Gomes, de 26 anos, pedi a ele que explicasse um pouco sobre a festa. Ele iniciou falando da feira cultural, que eram as barracas com artesanatos e comidas, seguiu falando de como as escolas se organizavam para fazerem os artesanatos e comidas, tendo como finalidade mostrar a cultura indígena aos visitantes e vendê-los para obter lucros para ajudar na manutenção das escolas. Os jogos indígenas, segundo Estenio, têm o intuito de incentivar os jovens à prática do esporte e prepará-los para disputar os Jogos Estaduais Indígenas. A Festa da Carnaúba é realizada no mês de outubro, porque é nesse mês que se dá o corte da Carnaúba, ainda segundo ele, a Carnaubeira é matéria-prima e fonte de renda para essas comunidades, é muito usada nos artesanatos e tem um grande significado para os povos indígenas.

Ainda no que se refere à festa, outros elementos também eram visíveis, tais como barracas com animais. A barraca da escola Abá Tapeba no ano de 2013 permitia que os visitantes tirassem uma foto com uma jiboia, mediante o pagamento de uma taxa. Além da presença da cobra, essa barraca chamou a atenção por ser diferente das outras, pois ela tinha a pintura de uma floresta, e nessa floresta havia índios, macacos, pássaros e uma cobra. Na conversa que tive com uma senhora que estava vendendo comidas nessa barraca e que se chamava Ana Paula, indaguei o significado daquela festa para ela. Ela respondeu que era pra mostrar a “essência do povo indígena”, para mostrar a cultura. Perguntei o porquê da cobra no desenho da barraca, se ela tinha algum significado. Ela riu e disse que era pra ganhar dinheiro, inovar e mostrar a relação com a natureza. O curioso dessa escola é que ela em todos os anos de festa traz uma jiboia, para os visitantes verem e tirarem fotos. Entretanto, no ano de 2014, a jiboia não estava lá. Então questionei a Ana Paula a falta da cobra naquele ano. Ela disse que era porque a cobra estava magra; que eles estavam tentando engordá-la para que viesse no próximo ano.

Atividades mais gerais, ligadas à comunidade mais ampla, também tiveram lugar no centro do Terreiro Sagrado. Dentre elas, pude observar o “Ritual de Purificação de Indígenas”, havia tambores e um microfone ligado a uma caixa de som. No início do ritual uma senhora já idosa começou a falar, ela era auxiliada por dois índios. Um segurava uma tigela de barro com água e a folha da jurema⁹, outro segurava uma tigela também de barro com urucum¹⁰. A senhora já idosa era a pajé, ela chamava as crianças juntamente com os padrinhos e molhava a cabeça da criança com água na folha da jurema e dizia: “-Receba essa água como fonte da vida”, e em seguida ela pedia para que os padrinhos passassem o urucum na criança e dizia: “-Receba essa tinta como sangue que corre suas veias, e que você possa ser um índio forte e valente, respeitando o seu povo e a natureza”. Nesse ritual foram batizados crianças e adolescentes.

⁹A bebida ou o vinho da jurema, feita com a casca do tronco da árvore, é bastante utilizada nos rituais religiosos do toré entre índios do Nordeste. Mesmos os grupos indígenas que não usam a bebida, referem-se à jurema como uma planta dotada de forças mágicas ou cósmicas.

¹⁰“Urucu” e “urucum” originam-se do tupi transliterado *uru'ku*, que significa “vermelho”, numa referência à cor de seus frutos e sementes.

Os nomes das crianças e padrinhos eram em maioria nomes de origem portuguesa. Os únicos nomes que consegui identificar como sendo de origem indígena foram Iara¹¹ e Taynara¹².

Houve também um casamento na festa celebrado pela pajé, e antes mesmo de começar disse que aquela era a primeira cerimônia realizada no terreiro. A cerimônia fora toda celebrada em português, sem que fosse utilizada nenhuma palavra em língua Tupi. Ela mencionou uma única vez o “Pai Tupã”, e pediu que abençoasse a união do casal e que as raízes fossem fortalecidas, no final ela mencionou o nome de Deus.

A pajé explicou que “o casamento no Terreiro do Pau Branco é um ajunto de corpos e abençoado por Deus e não precisava de testemunha, diferente dos brancos que precisa de testemunha. Porque o respeito estava entre eles.” Disse ainda que esperava que o casamento deles fosse igual o dela que até hoje estavam juntos, e já faziam 50 anos. E seguindo com a cerimônia ela disse que o noivo poderia beijar e abraçar a noiva, no entanto, o noivo baixou-se e pegou no chão um par de alianças. A pajé então falou que não sabia da existência de alianças, em seguida ela explicou o significado das alianças, diferenciando o significado que esta tem para os “brancos” e o significado que tem entre eles. “- A aliança dos brancos é de ouro, mas a nossa é feita de coco, sempre respeitando a nossa cultura”. E disse ainda as palavras para os noivos repetirem: “- Receba a sua aliança como fortalecimento da sua vida”, e então os noivos se abraçaram e se beijaram.

Na minha percepção, esse casamento tem todos os aspectos de uma celebração cristã, mas com algumas adaptações; como por exemplo, a aliança feita de coco e o fato de ter sido realizada por uma mulher pajé.

Um dos momentos mais esperados por todos os participantes da festa foi o toré, um ritual em que se apresenta uma dança. Os índios formaram no meio do terreiro um grande círculo, que girava em torno do centro. No interior do círculo formado pelos dançarinos, o chefe do toré executava os movimentos coreográficos agitando o maracá e uma criança batia o tambor. O movimento da dança se caracterizava pelas pisadas fortes no solo, marcando o ritmo; acompanhado por maracás, gaitas e pelo coro de vozes dos dançarinos.

¹¹Iara: Origem Tupi, indígena *y-îara* que significa “senhora d’água”, “mãe d’água”, “a beleza das águas” ou “dominadora”.

¹²Thaynara: Variação do nome Tainara. Significa “estrela”, pois é uma variação do nome Tainá, nome indígena brasileiro. Tainá significa estrela no Tupi Guarani e por isso essa variação tem o mesmo significado.

No livro escrito pelo próprio povo Tapeba, “Memória Viva dos Índios Tapeba terra demarcada, vida garantida”, o toré é apresentado como um “ritual sagrado”, “uma dança sagrada”, que era “dançado em agradecimento ao deus Tupã, pelas nossas conquistas e retomadas”, trazendo uma “sensação de paz, tranquilidade além de espantar os males” (Tapebas, 2000, p. 27). As canções retratam as lutas e vitórias do povo indígena, e o engrandecimento a natureza. Os visitantes também entravam na roda de toré. No final da dança os índios Tapeba tomaram mocororó¹³.

Na Festa da Carnaúba, também houve um desfile de vestimentas tradicionais de crianças e adolescentes. Durante o desfile, era falado o nome do participante, a idade, do que era feito as vestimentas, o nome da artesã que fez as vestimentas, uma frase e o que queria ser quando crescer. Uma das frases ditas que eu achei interessante foi: “- Tenho orgulho de ser Tapeba” e “- Sou índia com muito orgulho”. Pude perceber que nessas pequenas apresentações e expressões, a festa se apresenta como um espaço de construção de identidade e de afirmação de um modo de ser. A profissão que muitas crianças disseram que queriam ser, foi a de professor. Meninas e meninos desfilaram.

Dentre os participantes da festa, estão os alunos e professores das escolas indígenas de Caucaia, e as lideranças das comunidades. Estes estavam caracterizados com seus trajes tradicionais, usando vestimentas feitas de palha, colares e brincos feitos de contas brancas e coloridas, búzios e penas; na cabeça usavam carapuças feitas de palha com penas amarelas e vermelhas. O corpo e o rosto eram pintados com tintas de cor preta e vermelha, respectivamente, extraídas do jenipapo e do urucum. No entanto, havia índios Tapeba que não estavam vestidos com seus trajes tradicionais. As vestes indígenas refletem a resistência de uma história e o renascimento dessa cultura que tentaram apagar. Os visitantes participaram da festa, consumindo comidas, produtos artesanais e a registrando com máquinas fotográficas, capturando tudo que viam.

2.3 Poder: a demarcação das terras indígenas

A questão da demarcação¹⁴ de terras aparece sutilmente nas faixas espalhadas no terreiro sagrado e nas apresentações culturais. No entanto, foi na entrevista com o Sr.

¹³Mocororó: Bebida extraída do caju, feita pelos índios no Ceará e em outros lugares que têm aldeias. Ela é bebida em comemorações, nos acontecimentos e rituais indígenas. Como se prepara: Espreme-se o caju e coloca-se o sumo em garrafas. Enterra-se durante três dias. Em três dias está pronto para beber.

¹⁴ Ação ou efeito de demarcar, de determinar os limites (de um terreno, de uma área).

André Soares, de 66 anos, Tapeba, que a questão da demarcação ganha ênfase; pois é um problema sério a ser solucionado, já que há muito tempo que os Tapeba lutam por suas terras.

Durante a observação da festa do ano de 2014, chamou-me a atenção um senhor que estava sentado sozinho em um banco feito de tronco de carnaúba. Pedi licença e perguntei se poderia conversar com ele, ele disse que sim. Sentei-me ao seu lado e perguntei o seu nome e quantos anos ele tinha, ele disse que se chamava André Soares e tinha 66 anos. Eu perguntei como era a festa antigamente, ele disse que tinha apenas a roda de toré e o nado, mas como a lagoa estava seca não tinha como nadar, então essa modalidade foi retirada da programação. Disse ainda que as apresentações culturais foram acrescentadas recentemente.

Perguntei pelo pajé, ele disse que se tratava de uma pajé, a dona Raimunda. Há 20 anos era o cacique Perna de Pau, ele morreu e ficou o Alberto, o filho, também cacique. Ele também falou do Dourado Tapeba, que representava todos os índios, todas as aldeias em Brasília. Perguntei ainda se a festa tinha apoio da prefeitura local, da FUNAI ou outros órgãos e ele respondeu que tinham órgãos de apoio, e agora a prefeitura estava ajudando em alguma coisa. Comentei que nos três dias de festa não havia visto o prefeito, ele então confirmou que de fato ele não havia vindo.

Perguntei também sobre a questão da demarcação de terras, ele disse que estava em andamento, o indaguei então sobre a existência de áreas demarcadas e ele disse que estava em processo de demarcação, mas por conta das eleições o processo parou e só seria retomado depois das eleições. Ele falou que de todas as aldeias, só os Tremembés tinham terras demarcadas, e que foram os Tapeba que iniciaram o processo todo, só que acabou ficando pra trás e as outras etnias que levaram vantagem. Indignado, disse ainda que os Tapeba eram pra ter suas terras demarcadas há muito tempo, mas duas vezes o Everaldo Arruda (um posseiro) derruba a demarcação, entra com a liminar na justiça e derruba a demarcação de terras. Só que agora, esse posseiro já queria entrar em acordo com os Tapeba para deixar a parte dele fora, desse modo ele não sabia como iria ficar a situação. Mas segundo o Sr. André, o processo já andou um pouco acompanhando a terra de Everardo Arruda. O acordo com ele é deixar a terra dele de fora, pois ele quer ampliar em outro lugar. Porém o acordo só seria aceito, se ele ajudar a demarcar logo a terra, se ele quiser só ampliar e não ajudar, não tem acordo.

Então questionei a situação das terras que eles viviam, ele respondeu que as terras que eles ocupavam foram retomadas. Eles, os Tapeba retomam a terra e o

posseiro tem 90 dias pra entrar na justiça, e eles ficam esperando esses 90 dias. O Sr. André afirma que toda retomada de terras, os Tapeba ganharam, só no caso da demarcação, eles ainda estavam esperando. Ele relatou um fato que ocorreu lá na Ponte, no Sobradinho, outra comunidade local Tapeba de Caucaia, que um posseiro chegou a ganhar uma liminar dada pelo juiz de reintegração de posse, e as casas dos indígenas foram derrubadas. Mas o juiz voltou atrás e pediu desculpas; tiveram que levantar casas melhores do que as que existiam. Ele disse que havia casas que eram palhoças e eles deram uma casa boa.

Perguntei ao Sr. André porque o local se chamava Pau Branco e ele respondeu que naquele local havia muito Pau Branco, então ele me mostrou um e disse que antigamente aqueles paus eram maiores, só que o posseiro havia desmatado todos. Os paus branco que tinham, haviam se renovado sozinhos. Por isso só havia troncos.

Eu perguntei, porque a festa se chamava “Festa da Carnaúba” e ele explicou que desde o tempo dos antepassados, a carnaúba era valorizada. Ele disse que a mãe dele trabalhava só fazendo artesanatos; fazia todo tipo de bolsa, chapéu, etc. e que todos os indígenas são criados convivendo com a carnaúba, pois ela está presente nos artesanatos e tudo vem da palha da carnaúba.

As casas antigamente eram feitas de madeira e coberta com palha da carnaúba. Só que agora não dava mais, se eles morassem em casa de palha hoje, se alguém tivesse raiva um do outro, iam tocar fogo na casa do outro e não ia dar certo. Mas se fosse no tempo em que as pessoas tinham amor ao próximo, eles deixavam as casas de portas abertas. Pedi pra ele comentar sobre a questão da cultura, se eles se reuniam para exercer alguma prática cultural em outros dias, além da festa, e respondeu que só quando as escolas de fora vinham visitar a aldeia. Despedi-me do Sr. André e agradei pela conversa.

É possível, assim, perceber que foi a partir das necessidades dos Tapeba e de suas intenções políticas que a Festa da Carnaúba foi criada. As atividades que acontecem durante a festa procuram transmitir seus valores, no qual eles consideram como necessário para sua luta política de afirmação e visibilidade étnica, que tem por objetivo a demarcação de terras. Concluí nessa festa que dentre os seus objetivos, está o de apresentar a festa da carnaúba; e assim demonstrar uma parte da cultura Tapeba, como movimento tradicional de “resistência cultural”.

Essa resistência das comunidades indígenas tem sido fator fundamental para a conquista de todos os direitos, e isso só tem sido possível, porque, apesar da imensa

diversidade de grupos étnicos que existem dentro dessa categoria “indígena”, essas diferenças são postas em segundo plano, priorizando-se os “pontos em comum”, visando alcançar um mesmo objetivo (Barth, 2005).

CONCLUSÃO

A globalização, no sentido exposto por Giddens (1990), implica em um novo desafio para as populações e povos tradicionais, isto porque, a cultura é algo vivo e em constante mudança e adaptação assim como as identidades, com isso, o contato cada vez mais intensificado com outros povos e culturas tendem a influenciar e a transformar as próprias culturas envolvidas no processo.

Portanto, manter viva as tradições e práticas culturais torna-se um modo de resistir à tendência homogeneizante, cada vez mais presente em um contexto de capitalismo global.

Não diferentemente de outros povos indígenas, a comunidade indígena Tapeba enfrenta essas mesmas problemáticas e dificuldades no sentido de manter sua cultura, repassá-las as gerações presentes e ao mesmo tempo afirmar a sua identidade, e assim lutar por seus direitos previstos na constituição.

Com isso, a comunidade realiza anualmente a Festa da Carnaúba, um momento em que se exercem diversas práticas culturais e se apresenta um pouco da cultura Tapeba, com seus artesanatos, danças, seus modos de ser e vestir, práticas da medicina tradicional, rituais sagrados, mas, sobretudo, essa festa implica na visibilidade dos povos Tapeba diante da comunidade, como forma de afirmação da identidade, que é um processo de mão dupla, em que não apenas me autoafirmo indígena, mas sou reconhecido como tal pela comunidade no geral.

Essa questão da identidade é crucial, já que, os indígenas são, muitas vezes, representados através de estereótipos, como a figura que anda sem roupa ou com “vestimentas tradicionais”, que usa diversos acessórios, que vive dentro do mato, sem acesso a tecnologia, que vive em ocas, enfim, um ser primitivo. Isso faz com que tudo que fuja a esse estereótipo não seja caracterizado como indígena, e, portanto, como possuidor de direitos. Logo, para afirmar suas identidades, os Tapeba recorrem a práticas que representem essa figura da qual como foi construída. É o exemplo da Festa da Carnaúba, em que os indígenas se vestem dessa forma “tradicional”.

Ao longo do trabalho, pude identificar diversos interesses envolvidos nessa manifestação cultural, dentre eles, o já citado interesse em valorizar, preservar e repassar as práticas culturais Tapeba. Mas também foi possível identificar, seja nas falas das lideranças seja nas faixas ao longo do espaço em questão, o papel importante desta

festa na luta pela demarcação da terra, já que existem há bastante tempo conflitos entre o povo Tapeba e posseiros locais por essa terra, o que tem dificultado o processo de demarcação e titulação.

Portanto, conclui-se que além de uma forma de expressão cultural, a festa da Carnaúba, realizada pelos povos Tapeba é também uma forma de resistência e luta política e social na garantia de seus direitos, e na afirmação de sua identidade.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Max Maranhão Piorsky. Visibilidade, estratégias políticas e colonialismo: as demandas por uma escola para os índios Tapeba. *Notícias de antropologia y arqueologia*, Argentina, v. 2, 2003. (Edição especial: Educación y Antropología II).
- Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. — n. 1 (2. sem. 95). — Niterói :EdUFF, 1995.
- BARRETO FILHO, Henyo T. Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau: etnogênese como processo social e luta simbólica. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau de Caucaia, Ceará: da etnogênese como processo social e luta simbólica. *Série Antropologia*, 165. Brasília: DAN/UNB, 1994.
- BRANT, Leonardo. O poder da cultura. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MARTINS, Estevão de Rezende, *Cultura e Poder*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- TAPEBAS. **Memória Viva dos índios Tapebas**: terra demarcada, vida garantida... Caucaia: SEDUC, 2000.
- Dicionário de Nomes Próprios. Disponível em:
<<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/taynara/>> Acesso em: 13/02/2015
- Dicionário de Nomes Próprios. Disponível em:
<<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/iara/>> Acesso em: 13/02/2015
- Dicionário online de português. Disponível em:
<<http://www.dicio.com.br/posseiro/>> Acesso em: 20/03/2015
- Dicionário online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/demarcacao/>>
Acesso em 20/03/2015
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 1986. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Urucu_%28planta%29> Acesso em:16/04/2015

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 1986. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cocar_%28ind%C3%ADgena%29. Acesso em:
16/04/2015

Galdino Jesus dos Santos Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Galdino_Jesus_dos_Santos Acesso em: 23/04/2015

GASPAR, Lúcia. Jurema. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco,
Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso
em: 02/02/2015

Significados.com.br. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/?s=paj%C3%A9>
Acesso em: 13/02/2015

Significados.com.br. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/?s=cacique>
Acesso em: 13/02/2015

ANEXOS

Anexo 1: Programação da Festa



DIA 18 DE OUTUBRO

MANHÃ

- 07:30** - Abertura com a Escola Indígena Anama Tapeba;
- Fala das Autoridades Indígenas e não indígenas;
- Execução do Hino Nacional e do Hino do Ceará;
- Ritual Sagrado;
- 10:00** - Jogos Indígenas (Queda de Braço Masculino e Feminino);
- 12:00** - Intervalo;

TARDE

- 14:00** - Apresentação da escola Indígena Tapeba Capoeira;
(Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 14:30** - Jogos Indígenas (Arco e Flecha Masculino e Feminino);
- 15:30** - Jogos Indígenas (Cabo de Força Adolescente Masculino e Feminino);
- 16:30** - Apresentação da Escola Indígena Tapeba do Trilho;
(Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 17:00** - Intervalo;

NOITE

- 19:00** - Apresentação da escola Indígena Narcísio Ferreira Matos;
(Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 19:30** - Jogos Indígenas (Final do Cabo de Força Adolescente Masculino e Feminino);
- 20:00** - Jogos Indígenas (Cabo de Força Adulto Masculino de Feminino);
- 21:00** - Encerramento do dia com o Ritual do TORÉ.

DIA 19 DE OUTUBRO

MANHÃ

- 07:30** - Apresentação com a Escola Indígena Tapeba Amélia Domingos;
(Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 08:00** - Ritual do TORÉ;
- 08:30** - Jogos Indígenas (Cabo de Força Infantil Masculino e Feminino);
- 09:00** - Jogos Indígenas (Corrida de Jumento Masculino e Feminino);
- 12:00** - Intervalo;

TARDE

- 14:00** - Apresentação da escola Indígena Tapeba Maria Silva do Nascimento;
(Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 14:30** - Jogos Indígenas (Arremesso de Lança)
- 16:00** - Jogos Indígenas (Final de Cabo de Força Infantil Masculino e Feminino)

DIA 20 DE OUTUBRO

NOITE

- 19:00** - Apresentação da escola Indígena Tapeba da Ponte;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 19:30** - Jogos Indígenas (Corrida com a Tora Adulto Feminino);
- 20:00** - Apresentação da escola Indígena Tapeba Conrado Teixeira;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 21:00** - Encerramento do dia com o Ritual do TORÉ.

MANHÃ

- 07:30** - Apresentação da escola Indígena Tapeba da Ponte;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 08:00** - Ritual de Purificação de Indígenas (Batismo e Casamento);
- 09:00** - Ritual do TORÉ;
- 09:30** - Apresentação da escola Indígena Marcelino Alves de Matos;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 10:00** - Jogos Indígenas (Corrida com a Tora Adulto Masculino);
- 10:30** - Jogos Indígenas (DUATHLON - baladeira e corrida);
- 12:00** - Intervalo;

TARDE

- 14:00** - Apresentação da escola Indígena Tapeba de Capuan;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 14:30** - Jogos Indígenas (Atletismo Adolescentes e Adultos Masculino e Feminino);
- 16:00** - Jogos Indígenas (Desfile com Vestimentas Tradicionais Masculino e Feminino);

NOITE

- 19:00** - Apresentação da escola Indígena Índios Tapeba;
Obs: o tempo limite p/ apresentação da escola será de no mínimo 15 minutos).
- 19:30** - Abertura do Cerimonial da FESTA DA CARNAÚBA;
- 22:00** - Encerramento com o Ritual do TORÉ.

PROGRAMAÇÃO



XIV FESTA DA CARNAÚBA
XIII FEIRA CULTURAL
XII JOGOS INDÍGENAS

18 A 20 DE OUTUBRO 2013
TERREIRO SAGRADO DOS PAU BRANCO
ALDEIA INDÍGENA
LAGOA DOS TAPEBA

PROGRAMAÇÃO

Imagem 1: Folheto da Festa da Carnaúba 2013



Em virtude da estiagem que nos últimos anos vem assolando o nosso Estado, em especial às nossas Aldeias, que vem ocasionando a falta de água potável e calor excessivo, informamos que a nossa **Feira Cultural de 2014**, terá mudanças em seu horário de realização, pensando no bem estar de nossos alunos, parentes e visitantes. À mesma ocorrerá de acordo com a programação a seguir.

| DIA 18 DE OUTUBRO | | DIA 20 DE OUTUBRO | |
|-------------------|-------|-------------------|-------|
| | 17:00 | | 07:30 |
| | | | 08:00 |
| | 18:00 | | 08:30 |
| | 18:30 | | 09:00 |
| | 19:35 | | 09:30 |
| | 20:30 | | 10:00 |
| | 21:00 | | 14:00 |
| | | | 16:00 |
| | | | 16:30 |
| | | | 17:00 |
| | | | 18:30 |
| | | | 19:00 |
| | | | 20:00 |
| | | | 21:30 |
| | | | |
| DIA 19 DE OUTUBRO | | | |
| | 17:00 | | |
| | 17:30 | | |
| | 18:00 | | |
| | 18:30 | | |
| | 20:30 | | |
| | 21:00 | | |

PROGRAMAÇÃO

Imagem2: Folheto da Festa da Carnaúba de 2014

Anexo 2: Fotografias da Festa



Foto 1: Entrada do Terreiro Sagrado.

18/10/2014



Foto 2: Barraca da Escola Abá Tapeba. 19/10/2014



Foto 3: Faixas de incentivo a demarcação. 18/10/2014



Foto 4: Preparação para o Ritual da Purificação (Batismo)
20/10/2013



Foto 5: Apresentação da Escola Vila dos Cacos. 18/10/2014



Foto 6: Artesanatos à venda. 18/10/2014